



CULTURA

Instrumentistas e compositores - Graciela Paraskevaidis (foto) participa do encontro Latino-americano de música. PÁGINA 5
Lirismo regional - "Sevé", da Zero Cia. de Bonecos, é a atração de hoje do festival internacional. PÁGINA 6

BELO HORIZONTE, QUINTA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 2002

DEPOIS DE DÉCADAS DE INFLUÊNCIA DECISIVA DO CLUBE DA ESQUINA, A MÚSICA MINEIRA TEM NOVA GERAÇÃO DE COMPOSITORES, COM MARCAS ESTÉTICAS MAIS AMPLIADAS, CONTEMPLANDO A MÚSICA NEGRA E ELETRÔNICA



NOVO CLUBE

Renato Negrão, Makely Ka, Kristoff Silva, Renato Villaca, Magno Mello e Erika são os novos compositores no horizonte da canção brasileira

JAIR AMARAL

ALÉM DAS MONTANHAS

AILTON MAGIOLI

Toda geração musical que se preza traz consigo um time de compositores que vai se responsabilizar pela linguagem e estética de um novo movimento. Que o digam Cláudio Faria, Érika, Kristoff Silva, Magno Mello, Makely Ka, Renato Negrão e Renato Villaca, entre outros, cuja produção autoral emergente vem ganhando voz através de Alda Rezende, Anthony, Kadu Vianna, Marina Machado, Patrícia Amaral, Regina Spósito e outros jovens intérpretes mineiros. Representantes de um segmento maltratado pelo show-biz brasileiro hoje, felizmente, eles já não se limitam a entregarem a sua obra aos cantores. Estão em busca de espaço, seja interpretando a sua própria obra ou se reunindo em grupos para reivindicar os seus direitos.

A partir do mês que vem, por exemplo, um grupo de cerca de 20 novos compositores radicados em Belo Horizonte estará participando do projeto *Reciclo Geral*

que, de 19 de junho a 7 de agosto, vai transformar o bar Reciclo, no Centro da cidade, em palco de uma mostra de suas composições inéditas, com a participação de intérpretes convidados em apresentações nas noites de quarta-feira. Paralelamente, este mesmo grupo agiliza o lançamento do CD *A Outra Cidade*, que vai proporcionar parcerias aos jovens que movimentam a cena musical pós-Clube da Esquina, com destaque a produção pop-rock. "Trata-se realmente de uma nova geração de compositores, com um trabalho de alta qualidade, tanto em termos de harmonia quanto de letra, porém com um foco diferenciado", detecta o produtor Maurílio "Kuru" Lima, chamando a atenção para o fato de a nova geração promover em seu trabalho uma reflexão que talvez tenha sido negada pelo próprio Clube da Esquina.

"A influência da cultura regional, sobretudo a da música negra, faz o diferencial do trabalho desta turma. Além disso", observa o

produtor, "a maioria tem formação acadêmica, o que dá uma possibilidade maior no horizonte da criação, sem que ela esteja presa a uma única estética. É uma geração aberta, que flerta desde a MPB tradicional à eletrônica, passando pelo rap, soul, reggae e outros gêneros", elogia Maurílio Lima. Até então fechada à produção musical contemporânea, devido a influência assumida dos conservatórios europeus, as próprias escolas superiores de música estão dando a sua contribuição neste novo cenário, ao se abrirem para a música popular. "Com a abertura veio uma demanda reprimida que se mantém até hoje", informa o professor de composição Eduardo Campolina, da Escola de Música da UFMG, atribuindo à recente reformulação curricular da instituição o interesse crescente pela formação acadêmica no meio.

Segundo revelou, no último vestibular da UFMG 35 candidatas disputaram as três vagas disponíveis na habilitação em composição, o que dá uma média de

mais de 11 candidatos/vaga. "Já tivemos aluno graduado na escola que escreveu uma ópera rock", orgulha-se o professor, acrescentando que até as igrejas, especialmente as evangélicas, descobriram nas escolas de música o ambiente apropriado para a formação de seus pastores, motivo de preocupação do meio. "Recebemos todo mundo, ainda que às vezes o que eles estejam procurando não esteja na escola", acrescenta Eduardo Campolina. Companheiro de Campolina na UFMG, Mauro Rodrigues, que é professor de arranjo, harmonia e improvisação na escola, admite perceber um movimento mais atomizado no meio musical mineiro, hoje.

"A composição mineira tem um diferencial característico, mas não encontro nos novos compositores uma afinidade estética como a que houve no Clube da Esquina", diz Mauro Rodrigues, cuja tentativa de criação da habilitação em música popular na instituição acabou frustrada devido a impossibilidade de contratação de novos

professores. "A efervescência criativa, no entanto, permanece no meio", conclui Mauro Rodrigues. A constatação da diversidade do trabalho destes jovens autores faz Maurílio "Kuru" Lima prever uma mudança na própria cena musical mineira, em que não apenas os compositores, mas intérpretes, produtores e empresários passariam por uma reorientação, visando do trabalho conjunto.

"A troca de informações começa a tomar forma em Belo Horizonte, como já ocorre no Rio de Janeiro e em São Paulo", comemora o produtor, admitindo a necessidade de articulação para a construção de uma carreira artística. "A visão do músico imaculado, deitado em berço esplêndido, acabou. Hoje, o escritório de produção que não tiver uma tática de guerrilha dificilmente vai conseguir algo. Tem de haver articulação entre os pares na luta conjunta e diária", prega Maurílio Lima, de olho no mercado musical interno, nacional e, por que não, internacional.



CONTINUAÇÃO DA CAPA

COMPOSITORES E INTÉRPRETES DEFENDEM O ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE OS DOIS LADOS, COMO FORMA DE TRAZER À TONA O TRABALHO INÉDITO DE AUTORES

A FORÇA DA PARCERIA



JAIR AMARAL

TRAJE PASSEIO

Os jovens músicos Érika, Kristoff, Renato Negrão, Makely, Renato Villaça e Magno Mello trafegam pelos Beatles, na Savassi

AILTON MAGIOLI

"Todo intérprete precisa de um parceiro compositor", prega Kadu Vianna, que acredita ter encontrado em Magno Mello o parceiro ideal para se lançar na carreira solo de cantor. "O trabalho dele me atraiu pelas letras extremamente inteligentes, além da diversidade musical e de temas", justifica o cantor. Ex-tenista profissional, que se transferiu para Belo Horizonte devido à reconhecida riqueza musical mineira, Magno diz que viveu uma transição natural até ser descoberto como compositor. Impressionado com o número crescente de jovens autores, ele acredita que exista mais gente fazendo música do que cantando, atualmente. "A competição é grande", ressalta.

No papel assumido de líder de um grupo de 20 compositores, Makely Ka prega o estreitamento das relações intérprete-compositor para trazer à tona o trabalho inédito dos autores. "De 2000 para cá, esquematzamos muitos encontros. Estamos fazendo uma verdadeira guerrilha, para fortale-

cer o trabalho, em esquema de cooperativa", ensina. "Vivemos de música, mas não de direito autoral", acrescenta, informando que a prática do grupo, para difundir o trabalho, tem sido a liberação do direito de gravação. "Eu boto a maior fé nesta turma. Eles têm futuro e já apontam muita coisa boa nas letras e melodias que fazem", reconhece Regina Spósito, uma das primeiras a gravar Renato Negrão e Makely Ka.

Nascido e criado no ambiente da MPB, Renato Negrão admite que, em início de carreira, ele copiou e plagiou muita gente. "Com a vivência em banda, no entanto, fui descobrindo um estilo meu", diz o compositor, cuja poética, que ele mesmo classifica de "estranha", vem atraindo fãs. A ligação nata com a canção brasileira foi o elo de Kristoff Silva com o mundo da composição, diante da ausência total de estímulo para o gênero na época em que frequentou a Escola de Música da UFMG. "A Alda Rezende foi o divisor de águas em minha carreira", orgulha-se o compositor, que atribui ao intérprete o papel

de compreensão da canção, ao resolver a equação através do canto.

CLUBE DO BOLINHA

A tradição arraigada de Minas, segundo Makely Ka, gerou preconceito com as mulheres, que não estiverem presentes, por exemplo, no Clube da Esquina. "Além de os integrantes do grupo adotarem o falsete no canto, no próprio livro *Os Sonhos Não Envelhecem - Histórias do Clube da Esquina*, de Márcio Borges, as únicas que aparecem são mães ou mulheres dos próprios artistas", considera Makely Ka. Bendito é o fruto entre os jovens compositores. Érika diz que se sente bem no grupo, com um discurso que não ignora a participação da mulher na sociedade contemporânea. A autora que começou estudando canto para interpretar a sua própria composição, não descarta a hipótese de seguir carreira de cantora, também.

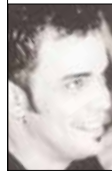
Dividido entre a escolha de uma das quatro canções encaminhadas por Cláudio Faria, Flávio Venturini diz que o jovem compositor é prioridade no novo disco, que começa a gravar na semana que vem. "A

música dele tem a ver comigo. Segue a linha melódica e harmônica que eu gosto e faço, além de ser moderna", justifica. Enquanto compositor envolvido com uma banda (Noivo da Lu), atualmente, Cláudio Faria admite ter-se programado para ser reconhecido como autor. "Como é uma experiência muito forte, acabou acontecendo", justifica Cláudio, que paralelamente também se envolveu pela composição de trilhas sonoras para o teatro.

Atual parceiro de Patrícia Ahmaral, Renato Villaça, que compõe profissionalmente há nove anos, disse que o boca-boca foi indispensável para a divulgação do seu trabalho. "Além de gravar, as cantoras acabam abrindo trânsito para a gente nos projetos culturais", assegura. "O Renato tem uma pegada urbana com a qual eu me identifico muito", considera Patrícia Ahmaral, que acaba de inaugurar parceria com o compositor em um samba, ainda inédito. Em shows, Patrícia já está cantando *Virtual Idade*, de Renato Villaça. A gravação de uma música do compositor, no entanto, só ocorrerá no próximo disco, cujo repertório ela começa a selecionar. Adeptos da melodia e harmonia que difundiram a música moderna mineira mundo afora, os jovens autores têm, na abertura para o novo, o trunfo de uma produção musical que somente agora começa a mostrar a sua força.

NOVOS RUMOS

Confira um pequeno perfil de cada um dos compositores que vêm movimentando a cena musical de Belo Horizonte



MONICA DA PIVE

CLÁUDIO FARIA — Tecladista, 33 anos, natural de Belo Horizonte, é integrante da banda Noivo da Lu, onde desenvolve trabalho de instrumentista, vocalista e compositor. Já tocou com Toninho Horta, Beto Guedes, Lô Borges e Flávio Venturini, tendo uma de suas composições atualmente sendo gravada no novo disco solo de Venturini. Tem disco inédito pronto com a instrumentista Cláudia Cimberlis e atualmente, prepara o lançamento do segundo CD da banda Noivo da Lu pelo AQB Music.

ÉRIKA — Violonista, 25 anos, natural de Belo Horizonte, é estudante de artes plásticas da Escola Guignard. Atualmente sendo gravada (*Secador, Maça e Lente*) por Marina Machado, é praticamente a única compositora que integra o grupo de cerca de 20 jovens autores que agitam a cena musical mineira.



JAIR AMARAL



JAIR AMARAL

KRISTOFF SILVA — Violonista clássico graduado na Escola de Música da UFMG, 29 anos, nasceu nos Estados Unidos e foi criado em Belo Horizonte. Foi gravado por Alda Rezende e Antonio, mantendo parceria com a última. Fez trilhas sonoras para espetáculos de teatro (*Esperando Godot*, do Armatrix, e *Caixa Postal 1500*, do Oficina do Galpão) e dança (*Dois Linhas Paralelas e uma na Diagonal*, do grupo Reeditores SeráQue?). Atualmente, possui parceria inédita (*O Prazer*) com o paulistano Luiz Tatit, ex-integrante do grupo Rumo.

MAGNO MELLO — Violonista e guitarrista, 36 anos, natural de Brasília, vive em Belo Horizonte há sete anos. Com passagens pela Escola de Música da UFMG, onde frequentou cursos de extensão de improvisação e arranjo, depois de integrar a banda de rock 3º Ato, com a qual gravou um CD, e de ter composições gravadas pela cantora Ana Iva, vai ter quatro inéditas (*Coração Polar, É Onde Mora Você, Quantas Religiões Tem o Mundo e Sonhei que Estava Todo Mundo Nu*) lançadas pelo cantor Kadu Vianna em seu primeiro disco solo.



JAIR AMARAL



JAIR AMARAL

MAKELY KA — Violonista autodidata, 26 anos, nasceu em Valença, no Piauí, foi criado em Barão de Cocais, Minas Gerais, e está radicado em Belo Horizonte há uma década. Estudante de filosofia da UFMG, integrou o grupo de "música impopular brasileira" A Mandrágora, em Ouro Preto, além de ter lançado o livro de poemas *Objeto Livre*, de 1998. Em Belo Horizonte, já participou de shows em homenagem a Ataulfo Alves e Paulo Leminsky. Atualmente integra o grupo Danaide, ao lado da cantora Maisa Moura e do violonista Rodrigo Torino, do qual é parceiro. *Samba Solto*, de sua autoria em parceria com Paulo "Amvil FX" Beto deu título ao primeiro CD da cantora Alda Rezende. Além disso, foi gravado por Regina Spósito e Antonio e possui o livro de poema inédito *Ego Excêntrico*.

RENATO NEGRÃO — Poeta natural de Belo Horizonte, 34 anos, na década de 80 integrou a banda punk-funk-samba Os Poucos. Ex-estudante de filosofia da PUC, desde 1996 ele integra o grupo Dragões do Paraíso, ao lado de Augusto de Castro e Daniel Costa. Já gravado por Alda Rezende, Regina Spósito e Gilberto Mauro, tem dois livros publicados (*No Calo*, de 1996, e *Dragões do Paraíso*, de 1997), além de outro (, o melhor), no prelo.



JAIR AMARAL



JAIR AMARAL

RENATO VILLAÇA — Violonista, guitarrista e flautista, 22 anos, natural de Belo Horizonte, vem desenvolvendo trabalho de composição em parceria com as cantoras Alda Rezende e Patrícia Ahmaral. Com o primeiro disco solo (*Musicalideoscópica*) pronto, aguarda apenas a negociação com um selo para a prensagem e distribuição do CD. É graduado em comunicação social pela UFMG e dá aulas de produção em rádio no curso de comunicação da UNI-BH e da Faculdade Promove.

